



COM QUE ROUPA EU VOU? CONSUMO E EROTIZAÇÃO NOS UNIFORMES ESCOLARES INFANTIS

Dinah Quesada Beck – UFRGS/FACED/PPGEDU

Resumo

A pesquisa de doutorado intitulada “Com que roupa eu vou? Fetiches de consumo e erotização dos corpos femininos infantis na composição da imagem escolar – um estudo sobre os uniformes escolares” surgiu pelo interesse em investigar, a partir das percepções tidas, no exercício da docência, as representações do consumo e os investimentos sobre os corpos das crianças que circulam pela escola. A composição de imagens propostas e produzidas pelas próprias crianças, incentivadas e, de certo modo, determinadas pela escola, mostram-nos os uniformes escolares invadidos e remodelados pelas representações e pelos significados que se constituem em torno do corpo hoje desejado e, com isso, o fenômeno da exposição/erotização dos corpos femininos infantis materializa-se em pleno meio escolar. Em termos metodológicos, foram coletados, por meio de entrevistas semi-estruturadas, as opiniões, os depoimentos e as impressões que as crianças têm sobre esse mesmo processo. Ainda assim, integrou o percurso metodológico da pesquisa, observações realizadas em momentos livres das crianças na escola, registrados num caderno de campo, buscando capturar situações e seus tensionamentos acerca da utilização e composição de tais uniformes.

Palavras-chave: consumo, erotização, uniformes escolares, infância, crianças.

Caminhos acadêmicos e profissionais repletos de indagações, questionamentos, dúvidas e inquietações têm me levado a pesquisar a relação existente entre erotização e consumo. Observando as crianças, em especial as meninas, preocupadas com suas aparências ao embelezarem-se e ao investirem em práticas estéticas e corporais, desde tão pequenas, para ir à escola, é que passei a perceber, consistentemente, o estabelecimento dessa relação. A vontade/necessidade dessa pesquisa pôs-se a mim antes mesmo do meu ingresso no doutorado. Enquanto professora da instituição de ensino onde atuei profissionalmente entre os anos de 2005 e 2011, observava os investimentos que se faziam e se produziam em torno das práticas de uniformização do vestuário escolar. Os distintos modos de trajar os uniformes, ou ainda, a possibilidade de investir na roupa utilizada e no visual uniformizado sugeriam alguns encaminhamentos e entendimentos em torno de tal prática escolar, os quais propuseram a concretização dessa investigação.

Imersa em diversas instâncias e nas provocações que as mesmas me traziam, apontamentos e caminhos à pesquisa foram delineados, os quais posicionaram consumo e erotização entremeados numa consistente *relação* que se produzia em torno dos uniformes escolares. Meu principal foco de investigação consistiu em discutir *de que forma as práticas de uniformização escolar infantil interferem no modo como as meninas investem, em seus corpos, padrões de erotização e consumo tão difundidos em nossa sociedade e propagados pela escola?*

Para dar conta dessa proposta de pesquisa passei a perceber mais consistentemente no meu cotidiano dentro e fora da escola. Essas inserções suscitaram, metodologicamente, a necessidade da realização de observações em momentos livres das crianças na escola, às quais foram registradas num caderno de campo durante um período aproximado de seis meses, no intuito de compor o corpus discursivo e analítico da pesquisa. Ainda assim, desenvolvi entrevistas com crianças e com profissionais que atuavam na escola, no intuito de capturar e registrar maiores informações sobre os uniformes escolares.

Ao longo desse artigo, utilizar-me-ei de algumas situações observadas que fizeram parte dos dados produzidos para a minha pesquisa de doutorado e que foram analisadas na tese a partir da perspectiva dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais, os quais se mostraram férteis para o desenvolvimento dessa proposta. Trago estes excertos discursivos no intuito de debater a produção dos corpos na contemporaneidade, uma vez que os compreendo como aspectos cruciais que envolvem a prática de utilização dos uniformes escolares entremeadada à erotização e ao consumo na contemporaneidade.

Uniforme. Escola. Moda. Corpo. Embelezamento. Erotização. Consumo. Infância. Que relação é essa?

No ano de 2006, logo da minha chegada como professora da educação básica na instituição de ensino onde atuei profissionalmente até o final de 2011, uma campanha de lançamento dos novos uniformes marcou o primeiro semestre do ano letivo escolar. Antes mesmo disso, em 2004, a escola completava seus cem anos e, para marcar essa data, foram colocadas à disposição para venda e aquisição algumas peças diferenciadas dos uniformes escolares, alusivas ao ano comemorativo do centenário. Camisetas em cores variadas com um novo logotipo para serem customizadas pelos/as alunos/as, baby looks com franjas até a cintura, shorts-saia, legging, meias, munhequeiras, faixas para o cabelo, mochilas, estojos, entre outros, serviram como um diferencial apresentado naquele momento pela instituição, em especial para o público feminino infantil, em virtude do ano comemorativo da escola. Foi

nesses moldes que a escola passou a projetar como uma de suas práticas pedagógicas a proposta de composição da imagem infantil uniformizada com as peças escolhidas pelos/as estudantes para seu uso.

Os uniformes escolares lançados no ano letivo de 2006 vieram pela necessidade de colocar à disposição para venda outras peças que não apenas as do centenário. Esses uniformes apresentavam características bem peculiares: a variedade de peças, de cores e de modelos que os compunham era marcada pelo estilo esportivo — *fitness* — principalmente o que era utilizado pelas meninas. Sugeria-se, nesse revestimento, a escolha das peças que muitas vezes vinha acompanhada por certas transgressões¹ às regras de utilização dos uniformes.

Esse acontecimento que movimentou o cenário escolar foi suscitando em mim algumas problematizações. Primeiramente, pela propaganda que se fez ao seu entorno; pelos chamamentos para o desfile de *modas* com a apresentação dos novos modelos à vestimenta escolar; para o convite que alguns alunos e algumas alunas receberam por terem sido selecionados/as para participarem do lançamento, no momento do desfile das peças. Recordo de questionar-me: por que ter um *desfile* para apresentar o uniforme da instituição? Por que motivo essa atividade — desfilar/estar na moda — acontecia em uma escola?

Outro aspecto merecedor de destaque se refere ao que eu acreditava ser uma novidade que estava por vir. Novidade essa que viria com o lançamento dos *novos* uniformes. Para minha surpresa, no início da semana do lançamento as peças do uniforme já foram colocadas à venda e, imediatamente, muitas famílias as adquiriram e as crianças passaram a usá-las. No dia do lançamento, evidentemente, muitos já eram conhecedores, consumidores e usuários desses produtos.

Ainda sobre essa situação: mesmo tendo um lançamento com a apresentação do que seriam os *novos uniformes* da instituição, ficava valendo, a partir daquele momento do lançamento, todos os modelos anteriores que as crianças dispunham. Dito de outro modo: a escola, ao lançar uma nova linha de uniformes, não sugeria a exclusão das vestimentas anteriores. Isso fez com que as crianças tivessem uma grande variedade de peças e acessórios com a marca da escola em seus armários para colocarem em uso nas suas composições diárias.

¹ Como exemplos dessas transgressões podem ser citados, entre outros, o excesso no uso de acessórios, a maquiagem sobrecarregada para uso infantil e escolar, as customizações propostas nas camisetas e a incorporação de outras peças de roupa que não as do uniforme escolar.

Como professora dessa instituição, olhava para esses acontecimentos em torno das práticas de uniformização do vestuário escolar e procurava compreendê-los em sua materialidade, buscava analisar as razões de sua existência, suas condições de possibilidade, como circulavam pela escola, como eram operados e o que buscavam promover para essa infância contemporânea escolarizada com a qual trabalhamos e estamos a produzir.

Diante de tal proposta escolar, alguns questionamentos iam inquietando-me e sugerindo sua reflexão: que razões e princípios pedagógicos eram os que levavam uma instituição de ensino a sugerir e a implementar a possibilidade de variação da vestimenta para ir à escola? Que ideários eram afixados naqueles que consumiam e trajavam diferentes peças do uniforme (e outras tantas também)? Que noção de infância escolarizada se produzia e se propagava neste meio? Que representações de corpo uniformizado a escola parecia desejar ver inscritas nos corpos infantis? Será que deste modo e com a difusão de tal proposta a escola não se estava, de certo modo, aproximando-se de práticas de consumo, embelezamento e erotização na infância — tão difundidas em nossa sociedade — e distanciando-se, ou ainda, colocando num segundo plano, sua principal função, *o ensino*?

Com o tempo, e em especial durante o desenvolvimento da pesquisa, passei a perceber que tal proposta de uniformização não se convertia num distanciamento da escola de sua principal função, o ensino, mas, sim, que a proposta implementada para os uniformes escolares era também, uma das práticas pedagógicas educativas difundidas pela instituição. Proposta essa, que ao sugerir e ao possibilitar a variação das peças dos uniformes, educava as crianças a cuidarem de suas imagens e de suas aparências e sugeria — nesse revestimento — um perfil de embelezamento, de consumo e de produção de uniformes *modernos* e corpos *espetáculo* que desejava ver inscrito nos corpos dos/as estudantes, cunhando identidades por ela própria legitimada.

Se considerarmos que uniformizar é uma das tarefas tomadas e aplicadas pela escola no intuito identificar como seus/as estudantes aqueles que trajam tais uniformes e, assim, educá-los/as a cuidarem de seus corpos, percebemos que esse sutil exercício pedagógico encontra-se carregado de significados históricos, culturais e sociais. Esses significados articulam-se aos discursos e às representações hoje pautados sobre o corpo.

Como sabemos, os corpos vêm assumido, cada vez mais em nossa sociedade, visibilidade e centralidade. Vivemos tempos em que o corpo assumiu seu lugar de destaque e, por isso mesmo, cuidá-lo, aperfeiçoá-lo, cultuá-lo, torná-lo belo, saudável, aparentemente jovem e atraente tornou-se qualidade de vida e, quase, uma obrigação. Observamos não apenas na moda, mas também nos esportes, na televisão, nas escolas, nos shoppings, nas

academias de ginástica e dança, enfim, nas ruas, o imprescindível funcionamento destes códigos sobre o corpo que é construído, exibido, mostrado e, deste modo, tem se tornado objeto de desejo, de anseios, de disputa e de consumo. Tendo o corpo adquirido grande lugar de destaque é praticamente impossível não notá-lo.

Na contemporaneidade, esse corpo que tem sido passível de modificações, construções, reconstruções e intervenções não é visto nem tomado como um produto final, pronto e acabado. Muito pelo contrário. Assim como aponta Denise Sant'anna (2000, p.50): “... o corpo, tal como a vida, está em constante mutação. As aparências físicas demonstram de forma exemplar esta tendência, elas nunca estão prontas, embora jamais estejam no rascunho”.

Por isso, pode-se dizer que, atualmente, não são poucas as estratégias que investem na produção desse corpo contemporâneo. Nele vão se constituindo, constantemente, novos comportamentos, estilos de vida e modos de ser, advindos de regimes disciplinares associados à beleza, à saúde e à felicidade, os quais buscam resgatar, a todo o instante, sua aparência, seu vigor e sua vitalidade.

Conforme Márcia Luiza Figueira (2007, p. 126), ao analisar essa constituição identitária do corpo a partir da perspectiva de gênero, diz que:

“Ter um corpo perfeito, trabalhado, esculpido à imagem e semelhança do desejo de cada um/a de nós é uma tendência que vem se firmando, fazendo parecer serem normais, inerentes, essenciais, portanto, “naturais” do viver, a identidade contemporânea. Já não basta ser saudável: há que ser belo, jovem, estar na moda e ser ativo”. [grifos da autora]

Com toda essa argumentação desejo apontar que a infinidade de cuidados, de investimentos, de estratégias e a própria vigilância existente em torno do corpo têm encontrado abrigo não só entre as práticas desenvolvidas pelas mulheres em idade adulta, mas também entre as crianças, em especial entre as meninas. Isso parece acontecer em demasia em países como o Brasil, local onde se celebra todo um culto ao corpo e seus imperativos sobre beleza, associados à saúde e vitalidade, promovem a proliferação de produtos, artefatos e uma série de práticas para exercitá-lo e construí-lo.

Um exemplo disso tudo que vem sendo dito sobre os corpos pode ser vislumbrado na seguinte cena que integra as observações desenvolvidas ao longo da minha pesquisa de doutorado:

Uma aluna de oito anos de idade da 3ª série chegou à escola de um modo diferenciado naquele dia de aula: estava ela com seus cabelos, que são bem compridos e

crespos, lisos. O que mobilizou essa mudança foram situações de deboche, por parte de alguns colegas, chamando os cabelos da menina de “crespos, feios e enredados como os de uma empregadinha”. Dias mais tarde, com a menina indo para a aula com seus cabelos sempre lisos, fiquei sabendo que a mesma havia feito uma “progressivinha de chocolate, sem uso de formol”, conforme relato da sua mãe que também comentou que a menina detestava seus cabelos crespos, pois os mesmos eram diferentes dos cabelos de suas amigas e da própria mãe. Um colega, ao vê-la de cabelos sempre lisos fez o seguinte comentário: “Profe., eu acho que agora, com esse cabelo, ela ficou mais mulher”. Caderno de Campo 6/4/2011

Essa cena mostra-nos que ao interpelarem as mulheres, as práticas corporais e estéticas em torno do embelezamento almejado por muitas delas têm promovido, também, demasiada possibilidade de investimento nas aparências e nas imagens infantis, legitimado projeções e padrões corporais para as crianças, em especial para as meninas. Esses marcadores culturais passam a ser visibilizados no interior da escola no modo como elas não apenas trajam seus uniformes escolares, mas como também compõem determinado visual uniformizado, propagando, em seus corpos, uma identidade feminina em constante produção.

Do mesmo modo, tal situação do cotidiano escolar das crianças instiga-nos a pensar acerca dos seguintes questionamentos: o que meninos e meninas têm aprendido, cultural e socialmente, sobre o que é belo? Que atravessamentos de identidade de gênero perpassam a fala do menino ao dizer que sua colega, agora, “ficou mais mulher”, por ter alisado seus cabelos? Que marcadores identitários de feminilidade vem sendo construídos em nossa sociedade contemporânea, sugerindo tais entendimentos e o desenvolvimento de vivências e práticas corporais já na infância?

Ter os cabelos lisos, além de ser um desejo almejado e percorrido por muitas mulheres, vem se constituindo como um dos marcadores identitários da beleza e da feminilidade. A indústria cosmética oferece uma infinidade de produtos para a composição dessa imagem. A *oculta* promessa de felicidade (ao ter os cabelos lisos) que vem agregada aos cuidados com o corpo agrada e, ainda, inscreve a existência de uma pedagogia que ensina, educa, opera e coloca em funcionamento suas verdades, definindo como é/deve ser este corpo contemporâneo.

A construção cultural da identidade feminina em nossa sociedade vê-se pautada no tão buscado padrão de beleza ocidental, ou ainda, na padronização que se constituiu em torno das multiplicidades étnicas e culturais do Ocidente. De tal forma, tem sido favorecida a universalização de práticas de embelezamento e de cuidados com o corpo, como é o caso dos tratamentos de alisamento capilar.

Vale registrar que todos esses significados históricos, culturais e sociais sobre os corpos, que até o momento foram debatidos e problematizados, encontram-se, também atravessados pelos códigos da moda e do vestuário.

Especificamente no que se refere à vestimenta, podemos pensá-la como um artefato poderoso que contribui para a regulação das populações e dos seus corpos. Analisada sob este ponto de vista, a roupa se converte em poderoso veículo e os corpos infantis em signos legíveis.

Segundo Inés Dussel (2000, p. 107), em estudo histórico sobre a implantação dos uniformes escolares para alunos/as e professores/as na Argentina e, traçando um contraponto dessa mesma prática com o que acontecia em escolas norte-americanas, diz que:

“A roupa foi e é um meio poderoso de exercer a regulação das populações e dos corpos. (...) A roupa marca o sujeito tão profundamente como uma incisão cirúrgica, ligando os indivíduos por meio de sistemas de significação que se convertem em signos”. [tradução própria]

Essa autora, argumentando que os uniformes escolares representam dispositivos que visam à regulação dos corpos no interior da escola, comenta que suas propostas chegam a ser superiores do que a da roupa comum de cada pessoa, justamente por serem mais precisos ao mostrar a aderência dos sujeitos às práticas sociais. Em sua análise, os uniformes, associados à difusão do saber científico, servem como uma forma de governar e constituir estratégias de regulação e educação sobre os corpos estudantis.

Novamente, em suas palavras:

“A ideia da uniformidade dos corpos na escola, aparentemente surgiu em escolas religiosas da modernidade. (...) Pode-se dizer que estes modos específicos em que se buscou e se busca *regular a aparência e a disposição dos corpos na escola são indicativos das formas de intervenção culturais e políticas* que se estabeleceram como parâmetros sociais em cada formação social”. (DUSSEL, 2000, p. 127) [grifos meus]

Hoje, mais do que carregar um emblema e caracterizar-se na roupa e na instituição, os uniformes, em algumas escolas, têm percorrido os códigos da moda e do vestuário e, assim, não servem, apenas, para igualar e uniformizar a todos. Identificar-se e diferenciar-se *na e pela* roupa, passam a ser sinônimos de uniformização do vestuário escolar. A possibilidade dos/as próprios/as alunos/as criarem seus diferentes modos de se vestir, ao

adquirir as peças que a escola disponibiliza para o uniforme da sua instituição tem se caracterizado como ritual e prática cultural de determinados grupos sociais.

Nesse contexto, ou ainda, nessa *virada* de comportamento da escola, parece-me que ser *moderna* proporcionou, à instituição, alguns distintivos sociais: a ela é legada a visibilidade pela *reinvenção* e *ressignificação* de antigas práticas, o reconhecimento social por saber modernizar-se com o passar dos tempos, bem como a funcionalidade e a execução de suas práticas. A escola entende e põe em funcionamento seu projeto educativo civilizador.

A busca pela promoção de diversificadas práticas e posturas que possibilitem captação e fidelização de novo público mostram-nos que a escola quer, deseja e pretende-se *moderna, jovem, atual, na moda, inserida* aos desígnios postos no contemporâneo. Nesse sentido, vem lançando mão de ações e estratégias que assegurem certa proximidade com seus/as estudantes e, assim, os uniformes projetados nos moldes que já foram narrados, parecem ter a capacidade de proliferar tal proposta.

Vestir o uniforme pode ser compreendido como um modo de diferenciar-se dos demais e, é propiciado aos/as alunos/as, determinado sentimento de pertença, visto que, ao usar as peças do mesmo, se promove e se instala certo dispositivo de identificação e de diferenciação. Aos/as estudantes, fica reservado *o direito* a composição do seu uniforme, uma vez que são chamados/convocados/interpelados por esses dispositivos *modernos* que contemplam o processo de sua escolarização.

Nessa escola onde desenvolvi a pesquisa, os uniformes das crianças, em especial o das meninas, percorriam a abordagem produtora de uma identidade feminina infantil em construção, já que sugeriam o embelezamento, ou ainda, a *graciosidade* naquelas que iriam usá-lo. Nesse exercício, parecia emergir, entre elas, a sensação de pertencimento a um universo escolar *descolado*, repleto de *glamour* e muito *fashion* e, ainda assim, identificava-se certa flexibilidade nas práticas disciplinares de todas estarem vestidas iguais. O consumo de determinados artefatos servia para possibilitar a existência de tal prática escolar. Sendo as meninas possuidoras de outros elementos que não apenas as peças do uniforme, incorporavam a abordagem estética e corporal da escola, na medida em que faziam altas composições em suas roupas com seus acessórios pessoais.

Ao analisar situações como a descrita anteriormente parece-me que há, por parte das crianças, certa necessidade em disfarçar aquilo que não gostam e não querem mostrar. Juntamente com a possibilidade de poderem compor seus visuais uniformizados, escolhendo quais peças usar, essa estratégia mostra-se plenamente aplicável. Tal proposta tem as incitado a apagar/esconder o que compreendem como feio e a ressaltar o que por elas é compreendido

como belo. Esse mesmo aspecto por ser percebido em outra situação observada no cotidiano escolar, mas, agora, acompanhada de investimentos produzidos nos uniformes escolares.

Nos últimos dias de aula do ano letivo, em dias de muito calor, uma menina pediu para vir sem o uniforme e usar “roupas da moda e mais fresquinhas”. Observei que neste dia ela estava com o short-saia do uniforme, acrescido de botas e meia-calça fio 40. Por debaixo da baby look regata da escola estava com uma camisa branca de meia manga, de gola e com muitos babados. Ao perguntar a ela o porquê do uso dessa roupa sua resposta foi: “Profe., eu até sinto calor, muito calor, mas as minhas pernas são peludinhas, meus braços também são e eu sei que os guris ficam rindo e comentando. (...) E de meia-calça eu até fico mais elegante, ela valoriza as minha pernas”. Caderno de Campo 10/12/2010

Essa situação vislumbrada na pesquisa, além de nos fazer perceber as práticas corporais das crianças no intuito de esconder o que não gostam e querem disfarçar, traz outro aspecto importante em termos de análise: como o uniforme possibilitava tal composição, o uso das meias servia, também, como uma forma da menina investir na construção de uma identidade feminina sensual, *elegante*, conforme suas palavras.

Alguns questionamentos servem como forma de problematizar tal acontecimento escolar: quais as intervenções feitas nos corpos e de que estratégias as crianças se valem na hora de escolherem suas vestimentas? Quais as marcas de feminilidade que vêm sendo construídas e propagadas no uso de roupas e artefatos para ir à escola?

Ao analisar a composição destas imagens, tanto a da menina observada como de muitas outras, era possível perceber que as mesmas se rendiam, aderiam e percorriam ideais que configuravam o que é um corpo saudável, produtivo, belo e desejado. Os uniformes adotados prefiguravam nas estudantes a utilização de determinadas roupas, acessórios e investimentos em seus corpos e isso os convertia, conforme aponta Edvaldo Couto (2000), em *corpos outdoor*.

Silvana Goellner (2007, p.33), ao resgatar historicamente todo esse exercício de cuidados com o corpo que temos hoje, revela-nos que a *aparência* tem se tornado, então, uma preocupação nacional entre os indivíduos. Segundo a autora:

“O culto ao corpo como hoje vivenciamos, em que pesem as especificidades de cada momento histórico e cada cultura, tem seu início no final do século XVIII e se intensifica no século XIX porque, nesse tempo, o corpo adquire relevância nas relações que se estabelecem entre os indivíduos. *Gesta-se uma moral de aparências que faz convergir o que se aparenta ser com o que, efetivamente, se é.*” [grifos meus]

Interessante observar outro aspecto dessa proposta de composição dos uniformes: toda essa produção das crianças em seu entorno parecia-me ser muito mais da escola do que propriamente de suas estudantes. Mesmo *glamourizada* pela possibilidade da variação das peças no exercício da uniformização, era o projeto educativo da escola que se instaurava no intuito de educar as meninas a cuidarem de seus corpos. Ou seja: ao uniformizarem-se, estariam as crianças cuidando de seus corpos e investindo em suas aparências, uma vez que faziam escolhas, elegendo modos por elas compreendidos como adequados de vestirem-se para ir à escola.

O uso da meia-calça e da camisa de gola e babados servia para disfarçar o que era compreendido pela menina como as *imperfeições* do seu corpo, mas também instaurava a importância dela cuidar, desde pequena, da sua imagem e da sua aparência, constituindo uma identidade feminina preocupada com o elegante e o sensual. O uniforme escolar possibilitava tal investimento e por isso que é compreendido como uma proposta muito mais da escola do que propriamente das crianças.

É necessário considerar nessa análise que a escola, por sua vez, *não controlava* a velocidade com que as crianças executavam tais produções. Se considerarmos que nessa possibilidade proposta pela escola e protagonizada pelas crianças, de composição de imagens, alguns/as *subvertiam* o permitido e o pretendido, o que fugia ao controle da mesma era justamente o modo como seus/as estudantes trajavam e operavam a funcionalidade desses uniformes.

Se na situação descrita a menina utilizou-se de meias e na cena anteriormente narrada o investimento fora nos cabelos, isso não significa que as intervenções no visual uniformizado paravam por aí. A customização nas camisetas, dando-lhes grandes decotes, bem como o uso de shorts jeans desfiados e curtos, que foram em alguns momentos observados, mostrava-nos a produção e certa composição que fugia do esperado e imaginado pela escola.

Nessa perspectiva, conclui-se que a escola tanto operava como um *palco* por onde desfilavam inúmeros modos de uniformizarem-se, interessantes ou não para a instituição, como também era ela a *produtora* desses corpos espetacularizados.

Outra situação serve-nos como exemplo do que vem sendo abordado:

No buffet do restaurante da escola, um grupo de meninas que se servia à minha frente comentavam sobre seus óculos solares e das combinações que faziam em suas roupas e acessórios para ir à escola. Nisso, outra colega chega perto e as que já estavam no buffet comentaram: “Hoje tu “forçou”, né?! Tu não tem tudo isso aí, tu não tem nada, a gente

sabe!” (elas referiam-se aos seios). A colega, um pouco sem graça, responde: “Tá, legal, eu coloquei dois sutiãs, mas não espalha pra ninguém, por favor! (...) O importante é que eu tenho seios”. Para mostrar a intervenção do uso do sutiã, a menina havia cortado a gola da camiseta escola, acompanhada do uso de short jeans e legging do uniforme. Caderno de Campo 10/9/2010

Interessante ressaltar que os atuais atravessamentos culturais e sociais em torno das práticas corporais de embelezamento pautam-se na utilização de artefatos e na produção de corpos em *ascensão*. Meninas na faixa etária entre oito e dez anos de idade, ao investirem em suas imagens e ao comporem seus visuais uniformizados tratam de assegurar tal premissa em suas produções. Como elas ainda não têm seios, o jeito é tratar de acoplá-los ao corpo como lhes for possível e de maneira que sejam notados. A customização na camiseta veio numa necessidade de poder certificar o uso do sutiã a todos que a olhassem e, tão logo, o entendimento que a menina já possuía seios.

Diante de tal situação escolar questiono: que expectativas as meninas têm ao embelezarem-se, ao cuidarem de suas aparências e ao investirem em seus visuais, desde tão pequenas, para irem à escola? Que representações de gênero estão entremeadas e são produzidas em situações como as acima descritas?

Isso nos faz perceber que nossos corpos são abrigo para toda essa pluralidade cultural e social e, nessa produção, alguns marcadores parecem ter maior visibilidade e são características constitutivas de uma feminilidade em produção. Os tratamentos estéticos para/com os cabelos, o investimento vestuário, assim como a implantação de próteses de silicone nos seios servem como exemplos dessas constituições.

A *moda*, nessa análise, converte-se num dos atravessamentos desses uniformes escolares. Ela demarca estilos, modos, costumes, atitudes que se apresentam de distintas formas na sociedade e que são efêmeras, transitórias, cambiantes. Podemos também dizer que a moda acaba por ser um fenômeno muito maior e mais complexo do que o simples ato de usar roupas no dia a dia. Mais do que a busca de um equilíbrio entre cores, tecidos, estampas, estilos e padronagens, a moda é, também, uma manifestação social, cultural e histórica que educa e governa quando tangencia padrões estéticos e identidades corporais às pessoas.

O filósofo francês Gilles Lipovetsky (2009) considera a moda num *dispositivo* social crescente em nossa sociedade contemporânea e que tem legitimado a arte do governar-se a si mesmo. Para esse estudioso a moda tem derivado de uma necessidade das pessoas e das instituições em demonstrarem nos corpos a relação entre *imitação* e *excentricidade*. Em seu

entendimento, a moda não apenas funciona como um elemento para a distinção das classes, mas principalmente para a diferenciação dos sujeitos de uma mesma classe, pelo fato das pessoas quererem pertencer a pequenos nichos que veiculam seus valores, modos de consumo e identidades cambiantes próprias em seus corpos.

Em suas palavras:

“Pensar a moda requer não apenas que se renuncie a assimilá-la a um princípio inscrito necessária e universalmente no curso do desenvolvimento de todas as civilizações, mas também que se renuncie a fazer dela uma constante histórica fundada em raízes antropológicas universais. O mistério da moda está aí, na unicidade do fenômeno, na emergência e na instalação de seu reino no Ocidente moderno, e em nenhuma outra parte. (...) Isso posto, a moda não permaneceu acantonada — longe disso — no campo do vestuário. Paralelamente, em velocidades e em graus diversos, outros setores — o mobiliário e os objetos decorativos, a linguagem e as maneiras, os gostos e as ideias, os artistas e as obras culturais — foram atingidos pelo processo da moda, com suas paixões e suas oscilações rápidas”. (p. 24) [grifos do autor]

Lipovetsky considera ainda que a moda seja atravessada pela necessidade de renovação e de sedução que envolve as pessoas. Beleza, moda, visibilidade e pertencimento são descritos como os combustíveis que movimentam as escolhas das pessoas. Nesse sentido, as crianças, ao escolherem as peças do uniforme para irem à escola, compondo seus visuais uniformizados e lançando mão de artefatos e signos da moda, mostravam-se inseridas na prática que era propagada pela instituição e desenvolvida por elas mesmas.

Mas, afinal, o que erotização e consumo têm a ver com isso tudo?

Todas essas situações que foram narradas e debatidas vêm nos encaminhando para um ponto crucial nesse debate: no desenvolvimento do exercício pedagógico de uniformizar-se, identificado através das minhas observações como professora e pesquisadora, ao ver as meninas produzirem suas imagens e ao reproduzirem tais signos de feminilidade constituídos social e culturalmente no contemporâneo, em seus corpos, pude ir percebendo uma trama que se compunha e se estabelecia. Estariam as meninas, ao trajarem determinados modos de uniformizarem-se, imprimindo em seus corpos a relação que elas mesmas estabeleciam com o consumo e o desejo de embelezarem-se para ir à escola. Sem perceber, encontravam-se envoltas no que pesquisas têm apontado como o fenômeno da *erotização dos corpos femininos infantis* (FELIPE, 2006).

A visibilidade do corpo infantil contemporâneo, pautado na aparência e nas várias intervenções nele operadas por meio de artefatos, produtos e comportamentos, parecem se estabelecer e a erotização da infância e a imagem da criança acabam por ser uma consequência (o resultado) desse processo.

Com esse entendimento passei a relacionar mais consistentemente o acontecimento escolar que eu observava em torno dos uniformes com questões dirigidas à erotização dos corpos femininos infantis. A pesquisadora Jane Felipe (2006; 2007) tem nos instigado a pensar sobre tais questões a partir das problematizações tecidas em torno do conceito de *pedofilização como prática social contemporânea*. Segundo a autora, ao mesmo tempo em que aparatos jurídicos são constituídos para preservar a integridade física, moral e social das crianças e, também, para combater práticas de pedofilia, há, contraditoriamente em nossa sociedade, um significativo investimento em práticas corporais já na infância. Assim, a produção e a veiculação dos corpos infantis, em especial os das meninas, envoltos em práticas de embelezamento, de intervenções estéticas, de cuidados com a aparência e com a imagem, tem propiciado a erotização e o consumo dos mesmos. Tais processos culturais e sociais de investimentos nos corpos, diante do seu crescimento e da sua proliferação, têm repercutido, também, em pleno meio escolar.

Juntamente com o entendimento de que vivemos tempos de consumo, de pedofilização e de erotização infantil, minhas observações como professora e pesquisadora, também remetiam considerações para o conceito de *pedagogia cultural* (GIROUX, 2005). Ele traz consigo o entendimento de que ocorre pedagogia em todo o lugar em que o conhecimento é produzido e os saberes circundantes deste processo excedem e vão além dos limites impostos pela instituição escolar. Ainda concebe a cultura como campo privilegiado do saber, na qual são produzidas práticas culturais de significação que educam.

Em especial desde a segunda metade do último século, inúmeras mudanças têm sido provocadas em nosso comportamento social e, por conta disso, temos assistido ao advento e à evolução de inúmeras inovações e aparatos tecnológicos e essas características, acrescidas da informatização do mundo contemporâneo em nossas práticas sociais, têm possibilitado que outras instituições culturais também produzam educação.

Sendo assim, ao observarmos os processos educativos da contemporaneidade — os quais se solidificaram e são sustentados por relações sociais no exercício das pedagogias culturais em suas diferentes ações, nuances e estratégias — identificamos que os mesmos criaram rachaduras à hierárquica estrutura escolar de outrora. Hoje em dia, a noção de educação, ao mesmo tempo em que é ampliada, *dilui-se* pelo espectro social como os líquidos

(BAUMAN, 2001). Notoriamente, diferentes esferas sociais e culturais produzem educação e as práticas pedagógicas desenvolvidas por essas esferas e também pela escola mostram-se revestidas por uma espécie de *novo código de civilidade* (BUJES, 2002), fixando a necessidade de uma formação/educação que se dá na relação dos sujeitos com os inúmeros signos postos no contemporâneo.

Dito de outro modo: se diferentes instâncias culturais produzem educação, a moda, enquanto um *dispositivo* social e cultural (LIPOVETSKY, 2009), serve, aqui, como um exemplo do exercício das pedagogias culturais em nossa sociedade e inscritas nas práticas pedagógicas educativas. A escola, numa tentativa, num desejo e numa necessidade de fazer-se moderna e de inserir-se aos atuais apelos sociais e culturais, possibilita e abre espaço para que tais pedagogias atuem no interior de suas práticas educativas. Os uniformes escolares, atravessados pelos discursos da moda, dos cuidados com o corpo, dos investimentos na aparência e no visual, corroboram com exercício de tais pedagogias culturais e passam a integrar as práticas escolares, sugerindo o seu consumo.

Em nossa sociedade brasileira contemporânea, questões direcionadas à aparência do corpo e ao consumo de inúmeros artefatos culturais são marcadores reconhecidos como centrais nos processos de constituição das identidades infantis. O embelezamento e a erotização mostram-se atravessados pelo consumo e são sustentados pelas diferenciações de gênero. Percebo que esses investimentos e suas práticas corporais têm proposto o borramento de fronteiras entre mulheres e meninas, arquitetando seus corpos na tentativa de enquadrarem, as crianças, aos padrões de beleza e moda atuais.

Os reflexos desses acontecimentos podem ser visibilizados no fenômeno da erotização dos corpos infantis sustentados pelo consumo. Assistimos crianças buscando parecer sempre mais à frente do seu tempo, envoltas num processo de *adultização precoce* (CORAZZA, 2002), em que avidez e pressa sinalizam os caminhos a serem tomados pelas próprias crianças em seus modos de portar-se e agir nessa sociedade. Para isso, as roupas e os acessórios utilizados e as intervenções estéticas e corporais ganham espaço e é por meio do seu consumo que nos mostram as tentativas das crianças em estarem inseridas na produção desses corpos em ascensão.

Enfim, meu interesse nesse artigo foi o de trazer à tona a produção dos corpos na contemporaneidade e como ela encontra-se situada na escola, em especial quando as meninas investem em seus corpos, padrões estéticos e corporais ao uniformizarem-se.

Certamente, a erotização dos corpos femininos infantis, glamurosamente produzida e propagada na escola, mostra-nos que é preciso investigá-la, no intuito de com ela poder estabelecer outras formas de inteligibilidade.

Referências:

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BUJES, Maria Isabel E. *Infância e maquinarias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- CORAZZA, Sandra. *Infância & Educação. Era uma vez... quer que conte outra vez?* Petrópolis: Vozes, 2002.
- COUTO, Edvaldo. *O homem satélite*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2000.
- DUSSEL, Inés. *Historias de guardapolvos y uniformes: sobre cuerpos, normas e identidades en la escuela*. In.: GVIRTZ, Silvina. (compiladora) *Textos para repensar el día a día escolar: sobre cuerpos, vestuarios, espacios, leguajes, ritos y modos de convivencia n nuestra escuela*. Buenos Aires: Santillana, 2000.
- FELIPE, Jane. *Afinal, quem é mesmo pedófilo?* Cadernos Pagu, v. 26, 2006.
- _____. *Erotização dos corpos infantis*. In.: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (orgs). *Corpo, Gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. *A revista Capricho e produção de corpos adolescentes femininos*. In.: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (orgs). *Corpo, Gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GIROUX, Henry. *Praticando Estudos Culturais nas Faculdades de Educação*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação*. 3 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p. 85-103.
- GOELLNER, Silvana V. *A produção cultural do corpo*. In.: LOURO, Guacira Lopes.; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero: a moda e seus destinos nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Descobrir o corpo: uma história sem fim*. Educação e Realidade. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v. 25, n. 2, jul./dez. 2000.

